**“SABER LER É SABER DAS COISAS, É SER INTELIGENTE”: A ESCUTA SENSÍVEL DA CRIANÇA NÃO ALFABETIZADA**

Mariana Crisostomo Delfino de Brito

Aluna do 5º período de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, Campus Central. E-mail: [marianadebrito1@gmail.com](mailto:marianadebrito1@gmail.com)

Deceles Ingrid de Carvalho Oliveira

Aluna do 5º período de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, Campus Central. E-mail: [deceles@gmail.com](mailto:deceles@gmail.com)

Celiane Oliveira dos Santos

Professora da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte- UERN, Campus Central. E-mail: [celianeoliveira@uern.br](mailto:celianeoliveira@uern.br)

RESUMO

Este trabalho é fruto de reflexões críticas realizadas no decurso do componente curricular Alfabetização e Letramento, no curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Campus Central. Pretende apresentar os resultados de uma entrevista realizada com uma criança não alfabetizada, enfocando aspectos relativos à escuta sensível da criança sobre a leitura e a escrita no 1º Ano do Ensino Fundamental. Trata-se, portanto, de uma pesquisa de natureza qualitativa de cunho exploratório que põe em evidência o relato escrito e falado de uma criança na faixa etária de seis anos que frequenta uma escola municipal na cidade de Mossoró – RN. A entrevista foi organizada em três momentos e orientada por dois instrumentais. Evidenciou-se a capacidade da criança de levantar hipóteses sobre a escrita – instrumento cultural complexo – e suas potencialidades no que diz respeito aos conhecimentos acerca dos textos que circundam na sociedade na qual está inserida. A experiência foi fundamental no processo de compreensão dos temas debatidos no componente curricular, assim como no entendimento da importância de assegurar às crianças um ambiente de escuta sensível e acolhedor na escola.

Palavras-chave: Letramento. Alfabetização. Escuta da criança.

INTRODUÇÃO

Este trabalho – fruto de debates e reflexões – pretende apresentar alguns desdobramentos de temas enfocados no âmbito do componente curricular Alfabetização e Letramento, ofertado no 4º período do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. De modo mais específico, procura evidenciar o que uma criança não alfabetizada pensa sobre a leitura e a escrita. A temática foi escolhida através de discussões feitas a partir da análise da entrevista e dos referenciais teóricos lidos e discutidos em sala de aula. Assim sendo, confirmamos a importância da indissociabilidade entre ensino e pesquisa no ambiente acadêmico, assim como na atuação docente.

Partimos do pressuposto de que ouvir a criança também faz parte do processo de compreensão de como se dá a apropriação da linguagem escrita. Nossa pesquisa põe em evidência o relato escrito e falado de uma criança na faixa etária de seis anos, que frequenta 1º Ano do Ensino Fundamental. A partir da análise da entrevista realizada compreendemos que “No processo de ensino-aprendizagem, é importante ouvir dos alunos o que eles pensam sobre a escrita, para, a partir daí, programar atividades que contemplem sua função social e cultural” (BRITO, 2014, p.100), ou seja, atividades que elas se identifiquem, facilitando assim a compreensão por elas da importância da escrita e da leitura em suas vidas.

Trata-se de uma de uma pesquisa de natureza qualitativa – de cunho exploratório –, na qual utilizamos referências bibliográficas para dialogar com os dados obtidos na interlocução com a criança. Dois instrumentais orientaram a realização da entrevista, a saber: “A prova do nome próprio e das quatro palavras” e “Roteiro para pesquisa e estudo sobre os portadores de texto” (DIAS, 2001). A entrevista aconteceu em junho de 2018 em uma Escola Municipal na cidade de Mossoró – RN. É importante salientar que no processo de escolha da criança para participação na pesquisa, foi solicitado a autorização da professora responsável pela turma, assim como foi respeitado o desejo da criança de participar ou não da entrevista.

Com isso, iniciamos as atividades, primeiramente a “prova do nome próprio” em seguida “as quatro palavras e uma frase” e por fim uma atividade de leitura “portadores de texto”. As três foram realizadas em um único momento, na referida escola, com o consentimento da professora e da criança, conforme mencionado.

DIALOGANDO

No dia da entrevista chegamos na escola ainda no primeiro horário, conforme acordado com a professora, fizemos o primeiro contato com a criança escolhida – Pedro Henrique - ainda em sala de aula, e o convidamos para nos acompanhar até a sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE) da escola, pois nesse dia era o espaço mais calmo para a realização da entrevista. Ao chegarmos na sala do AEE, falamos de forma clara sobre as atividades que seriam propostas para ele, deixando-o ciente que não existiria certo nem errado e que ele possuía total liberdade de fazer como soubesse e poderia parar as atividades, caso desejasse.

No primeiro momento da entrevista, perguntamos a Pedro se sabia escrever seu nome, ele respondeu que sim. Logo depois apresentamos o alfabeto móvel apenas com as letras do seu nome de forma embaralhada, questionando se algumas daquelas letras correspondiam ao seu nome e ele disse que sim, solicitamos para que formasse seu nome, após algum tempo Pedro nos apresentou seu nome, “PEDRO HEN” e disse que não sabia escrever o “resto”.

Posteriormente, foi solicitado que Pedro Henrique escrevesse seu nome em uma folha em branco, questionamos se ele ficaria mais confortável escrevendo de lápis ou caneta, a criança demonstrou interesse pelas duas opções. Assim como no teste do alfabeto móvel, ele apenas escreveu “PEDRO HEN”, quando solicitado para ler o que tinha escrito, ele leu seu nome completo, Pedro Henrique da Silva.

No segundo momento, conversamos com Pedro sobre o que ele gostava de comer e seus animais preferidos. Demos a opção para ele escolher sobre o que ele gostaria de escrever, se suas comidas favoritas ou os animais prediletos. Rapidamente Pedro optou pelos animais, pedimos para que ele escolhesse alguns para que pudesse escrever.

A palavra cachorro foi a escolhida, ele escreveu assim: “KPNAM”. A segunda palavra escolhida foi passarinho: “PKMIN”, Pedro Henrique propôs a palavra gato como terceira opção de animal, e fez sua interpretação escrita dessa forma “RIKNR”. Perguntamos se eram só esses seus animais prediletos? E ele disse: “Sim, gosto mais desses.”

Demandamos que ele lesse as palavras que tinha acabado de escrever, Pedro leu de forma compassada os nomes dos animais, apontando o dedo para as palavras escritas por ele. Como já havíamos percebido, Pedro demonstrava interesse pelos animais. Com isso, solicitamos que ele escrevesse nomes de animais dessa vez escolhidos por nós, que foram: Dinossauro, formiga, tigre e boi. Onde ditamos pausadamente as palavras e Pedro Henrique escreveu os nomes destes da seguinte maneira:

IBAKPE = DINOSSAURO

BIAINPE = FORMIGA

PEKRP = TIGRE

BSSPRI = BOI

Pedimos que ele lesse os nomes dos animais que acabara de escrever e Pedro realizou a leitura pausadamente, apontando o dedo. Após a leitura dos nomes dos animais que acabaram de ser solicitados, Pedro Henrique foi instigado a escolher um nome de animal para formar uma frase, a palavra escolhida foi o tigre, o adjetivo dado ao tigre pela criança foi bonito, formando a seguinte frase: O tigre é bonito. Ele escreveu da seguinte maneira: IABBRRP = O tigre é bonito. Em seguida, pedimos novamente para que ele fizesse a leitura da frase e assim ele fez pausadamente.

No terceiro momento, guardamos todos os materiais usados anteriormente e posicionamos sobre a mesa alguns objetos: A bandeira dos Estados Unidos, uma caixa de remédio, rótulo de refrigerante, calendário, conta de luz, uma pintura, jornal, uma revista e por fim um encarte de supermercado.

Pedimos para ele segurar os objetos que conhecia. Pedro começou pegando na seguinte ordem: encarte de supermercado, bandeira, calendário, rotulo de refrigerante, jornal e caixa de remédio. Perguntamos de onde ele conhecia cada objeto.

O primeiro foi a caixa de remédio, Pedro nos contou: “É uma caixa de remédio”, perguntamos por que ele conhece uma caixa de remédio? Ele respondeu: “minha avó tomava remédio, mas ela já faleceu”, por esse motivo ele conhecia. O jornal ele reconheceu, pois: “eu já vi o povo lendo” O que tem escrito no jornal? “Não sei”. O rótulo de refrigerante ele associou da marca Coca-Cola. O calendário Pedro disse que: “serve para ver os dias e tem na minha casa”.

Pedro reconheceu a imagem como sendo uma bandeira, “eu sei que é uma bandeira, mas não sei de onde é não”. Quando questionado pelo encarte do supermercado, ele disse: “É uma propaganda” Serve para que? “Pra ver os preços e comprar” Você sabe de onde é essa propaganda? “Anram, é do Cidade” E como você sabe que é do supermercado Cidade? “Porque tem esse símbolo e já vi o símbolo e já fui no Cidade.”.

Finalizamos a entrevista, agradecendo a Pedro Henrique, dissemos a ele, que tinha se saído muito bem e que tínhamos gostado muito de conhecê-lo. Retornamos com ele a sala de aula e na oportunidade agradecemos também a professora.

ESCREVENDO O NOME PRÓPRIO

Compreendemos que Pedro Henrique passou por um processo de memorização das letras do seu nome, no caso apenas de algumas. Na atividade com o alfabeto móvel, ele montou rapidamente seu nome, mesmo as letras estando embaralhadas, ele conseguiu reconhecer apenas as letras do nome “PEDRO HEN”, bem como na atividade escrita, ele seguiu a mesma compreensão, escrevendo “PEDRO HEN”, não invertendo as letras, deixando-as sempre nessa mesma ordem. Em determinados momentos ele não reconhece as outras letras que completa o nome “HENRIQUE”, como R, I, Q, U, e até mesmo a letra E que se repete tanto no nome PEDRO como no HEN, ele garante com segurança que essas letras não fazem parte do seu nome.

Na atividade das quatro palavras e uma frase, descrita anteriormente, chegamos à conclusão que a criança pesquisada ainda não sabe escrever convencionalmente outras palavras, exceto seu primeiro nome “PEDRO”.

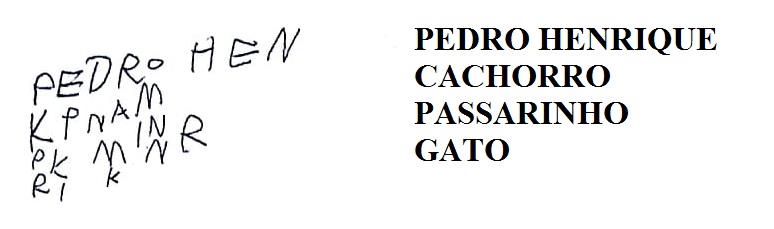


Imagem 1: Escrita do nome próprio e dos animais prediletos.

Com isso, percebemos que ele usa de letras que já conhece, principalmente as referentes ao seu nome, P, E, R, I, N. Visualizamos que partes da escrita ainda não correspondem a fala, entretanto, observamos que ele consegue utilizar de diferentes configurações de letras para formar as palavras, ou seja, utiliza configurações de letras diferentes para formar palavras diferentes.

HIPÓTESE DA ESCRITA

A partir dessas análises, percebemos que a escrita da criança investigada apresenta características da hipótese pré-silábica nível 2, na qual a criança:

“...pode ter tido a oportunidade de adquirir certos modelos estáveis de escrita, certas formas fixas [...] neste nível tente a rejeitar outras possíveis escritas de seu nome que apresentem as mesmas letras, mas em outra ordem. Porém, a correspondência entre escrita e o nome é ainda global e não analisável: à totalidade que constitui está escrita faz-se corresponder outra totalidade (o nome correspondente), mas partes da escrita ainda não correspondem a partes do nome” (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p. 204-205).

Essa ausência de correspondência entre o nome e as partes escritas são fortemente marcadas na escrita de Pedro Henrique, bem como, as formas gráficas são limitadas, utilizando repetidas letras, mas em ordens diferentes, a quantidade de grafias sempre ultrapassa mais do que 3, a escrita ainda não é analisável (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999), pois não conseguimos relacionar características sonoras ou silábicas com a escrita.

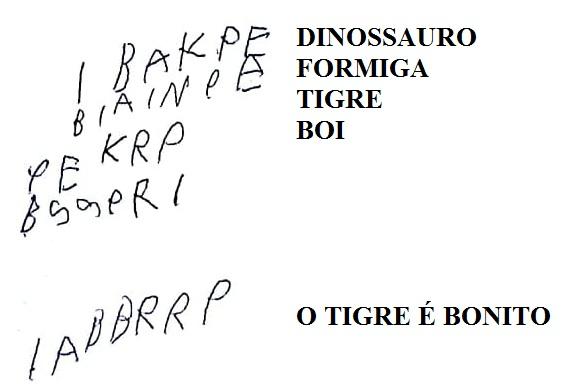


Imagem 2: Escrita das quatro palavras e uma frase.

Compreendemos que a escrita de Pedro Henrique não pertence a hipótese pré-silábica nível 1, pois sua escrita não possui uma a característica de “...correspondência figurativa entre escrita e o objeto referido” (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p. 194). Essa correspondência figurativa que as autoras expõem diz respeito às relações ao aspecto figural do objeto e o aspecto figural do escrito, ou seja, o tamanho do objeto e o tamanho da letra/desenho que representará esse objeto na escrita da criança. Se essa característica fosse marcante na escrita de Pedro Henrique, ele escreveria por exemplo, o nome FORMIGA com letras pequenas, ou poderia misturar em alguns momentos letras e desenhos, porém isso não ocorre, a escrita é apenas com o uso de letras.

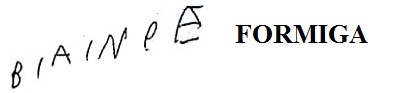


Imagem 3: Palavra Formiga

A escrita de Pedro Henrique não pertence também a hipótese silábica, pois não é possível a identificarmos o “...valor sonoro a cada uma das letras que compõem uma escrita...” ou “cada letra vale por uma sílaba.” (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p. 209). Com isso a escrita dele, não considera os valores sonoros e silábicos, como visualizamos nos exemplos escritos por ele, se o mesmo considerasse os valores silábicos ele escreveria cada letra referente a uma sílaba, porém não é isso que acontece, vejamos a palavra boi na imagem abaixo.



Imagem 3: Palavra boi.

Desse modo, a escrita de Pedro Henrique também não possui características da hipótese silábica alfabética, onde “...a criança abandona a hipótese silábica e descobre a necessidade de fazer uma análise que vá “mais além” da silábica...” (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p.214). Com isso, a criança percebe que a quantidade mínima de caracteres para formar uma palavra torna-se mais evidente e passa a acrescentar letras as palavras para resolver os conflitos de hipóteses e em função do seu contato com a forma padrão de escrever. Logo, a escrita de Pedro Henrique também não se caracteriza como uma escrita alfabética, que para Ferreiro e Teberosky (1999) constitui o final da evolução, onde a criança compreende que “...cada um dos caracteres da escrita corresponde a valores sonoros menores que a sílaba...” (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p. 219).

OUVINDO A CRIANÇA SOBRE OS PORTADORES TEXTUAIS

Pedro Henrique reconheceu quase todos os portadores de texto disponibilizados durante a entrevista, exceto, a pintura, a revista e a conta de energia. Ele conseguiu com muita propriedade dizer para que serve e onde viu todos os portadores escolhidos. Nos chamaram bastante atenção, as situações da caixa de remédio e o cartaz de supermercado, pois quando perguntamos a Pedro Henrique o que é aquela caixa? Ele nos responde “é uma caixa de remédio”, quando perguntamos por que ele conhece uma caixa de remédio? Ele expõe “porque minha avó tomava, só que ela faleceu”. Quando perguntamos o que é o encarte de supermercado? Ele diz: “É uma propaganda” Serve para que? “Pra ver o preços e comprar” Você sabe de onde é essa propaganda? “Anram, é do Cidade” E como você sabe que é do supermercado Cidade? “Porque tem esse símbolo e já vi o símbolo e já fui no Cidade.”.

Ele consegue fazer a leitura dos acontecimentos ao seu redor, percebe as ocorrências diárias, os fatos mais marcantes de sua vida através de simples respostas sobre seu conhecimento de um portador de texto, pois ele os relaciona com sua vida. A morte de sua avó foi e apresenta-se como um acontecimento marcante, bem como a ida ao supermercado, um lugar que ele gosta de ir e reconhece sem dificuldades o slogan do supermercado através de um encarte. Visualizamos nisso, o quanto a criança está atenta ao mundo a sua volta, o quanto ela observa os detalhes deste, e conseguimos ver na prática que “A leitura do mundo precede a leitura da palavra” (FREIRE, 1989, p. 9), com isso o autor evidencia que a leitura e a realidade são elementos que estão diretamente relacionados, características fortes da leitura de mundo é evidente na fala da criança.

É relevante destacar que Pedro Henrique conhece algumas letras e, mesmo sem realizar a leitura convencional das palavras, demonstra que já sabe diferenciar o que é ou não escrito, ele é uma criança que “...esta rodeada de material escrito e percebe seu uso e função, essa criança é ainda “analfabeta”, porque não aprendeu a ler e a escrever, mas já penetrou no mundo do letramento, já é, de certa forma, letrada.” (SOARES, 2001, p.24). A autora reforça primeiro a importância da percepção e função dos materiais escritos para se conseguir chegar ao que ela chama mundo do letramento, antes mesmo da alfabetização.

Esses autores (FREIRE, 1989; SOARES, 2001) nos ajudam a compreender a importância de considerarmos as relações sociais que são construídas pelas crianças antes mesmo de ingressarem na escola e iniciarem formalmente o seu processo de alfabetização ou imersão do mundo da leitura. A atividade dos Portadores de Texto, evidencia o quanto a criança percebe o seu redor e principalmente a importância da leitura para a sua vida, pois ela relata que saber ler é “...saber das coisas...” “...ser inteligente...”.

Portanto, concordamos com FERREIRO (2012, p.37): “não podemos reduzir a criança a um par de olhos que veem, ...” mas um ser ativo, capaz de compreender o mundo a sua volta e visualizamos a importância dessa compreensão para a construção de um indivíduo letrado e alfabetizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados obtidos nessa entrevista contribuíram para a elaboração de uma reflexão crítica a respeito da importância dos estudos de Ferreiro & Teberosky (1999), não como estudos que ajudam a classificar as crianças de uma determinada turma, mas como um aporte teórico que pode auxiliar o professor na compreensão dos processos vivenciados pelas crianças. Ao considerar as hipóteses elaboradas pelas crianças, o professor terá a oportunidade de elaborar e reelaborar propostas que atendam às necessidades de cada criança, contribuindo dessa forma para o seu pleno desenvolvimento.

A experiência foi fundamental no processo de compreensão do componente curricular Alfabetização e Letramento, assim como na importância de dar voz e vez as falas das crianças como sujeitos de direitos e ativos nos seus processos de construção do conhecimento.

Não podemos menosprezar os saberes infantis, é necessário assegurar às crianças um ambiente de escuta sensível e de acolhimento, pois isso irá contribuir significativamente para suas aprendizagens.

REFERÊNCIAS

BRITO, Tatiane dos Santos. **Ouvindo crianças sobre a aprendizagem da linguagem escrita: um estudo de caso**, 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) - Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

DIAS, Ana Iorio. **Ensino da linguagem no Currículo**. Fortaleza: Brasil Tropical, 2001.

FERREIRO, Emilia: TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Medicas Sul, 1999.

FREIRE, Paulo. **A importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

SOARES, Magda. **Letramento em verbete: O que é letramento?** In: SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p.13-25.